Dia 10 — Santo André Avelino

Martirológio Romano

A ditosa morte de Santo André Avelino, clérigo regular, em Nápoles, na Campânia, esclarecido por sua santidade e pelo afã que tinha de procurar a salvação dos próximos; obrou Deus por sua intercessão muitos milagres, e foi canonizado pelo papa Clemente XI. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio dos santos mártires Trifão e Respício, e de Ninfa, virgem. (Os dois primeiros eram naturais da Bitínia, em Apaméia, e ao começar a perseguição de Décio, no ano de 250, foram presos e apresentados ao presidente Aquilino, que, não podendo vencer sua constância com afagos nem promessas, mandou atormentá-los no cavalete, rasgar-lhes as carnes com unhas de ferro, queimar-lhes os lados com tochas acesas, atravessar-lhes os pés com cravos, açoitá-los com correias emplumbadas e finalmente decapitá-los. A estes Mártires junta o Martirológio Santa Ninfa, porque seu corpo jaz com o daqueles em Roma. Ela era uma virgem de Palermo, na Sicília, que na invasão dos godos fugiu para a Itália, onde viveu com santidade e morreu em paz em Suana, na Toscana. As relíquias destes três Santos estão em Roma, no insigne hospital de Sancti Spiritus in Saxia. Butler.)

Os santos mártires Tibério, Modesto e Florência, na diocese de Agde; os quais, por meio de diversos tormentos, alcançaram a coroa do martírio no tempo de Diocleciano. (Tibério foi acusado e perseguido por seu próprio pai. No cárcere achou a Modesto, e ambos sofreram todos os rigores da fome, e duas vezes consecutivas os puseram no tormento. À vista de sua constância abraçou a fé uma mulher chamada Florência, a qual foi associada aos tormentos, e os três foram degolados.)

Os santos Demétrio, bispo, Aniano, diácono, Eustósio e outros vinte mártires, em Antioquia. (Demétrio convocou um concílio contra Novaciano e alcançou a palma do martírio com seus companheiros pelos anos de 260.) São Próspero, bispo, em Ravena, esclarecido em milagres.

São Monitor, bispo e confessor, em Orleans. (Floresceu no século IV e é notável entre os prelados de seu tempo pelo que trabalhou em regularizar a disciplina eclesiástica.)

São Justo, bispo, na Inglaterra; enviado a esta ilha pelo papa São Gregório a pregar o Evangelho junto com Santo Agostinho, São Melito e outros, na qual morreu no Senhor esclarecido por sua

santa vida. (Foi consagrado bispo em Rochester e em 624 sucedeu ao dito São Melito na sé de Cantuária. O papa Bonifácio, ao enviar-lhe o pálio, enviou-lhe uma carta em que o felicitava pelo grande número de almas que havia ganhado para Jesus Cristo. Morreu no ano 627.)

São Leão, confessor, em Melun, na França.

As santas mulheres Trifena e Trifosa, em Icônio, na Licaônia; as quais, pela pregação de São Paulo e com o exemplo de Santa Tecla, aproveitaram muito na profissão de Cristo. (Alguns creem que foram martirizadas. São Paulo, em sua epístola aos romanos, 16,12, diz o seguinte: «Saudai Trifena e Trifosa, que trabalham no Senhor.»)

Santa Teotista ou Teoctista, virgem, na ilha de Paros. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Santo André Avelino

Santo André Avelino, modelo o mais perfeito do clero secular e regular, um dos mais brilhantes ornamentos de seu século, nasceu no ano de 1521 em Castronuovo, povo da província de Basilicata, dita antigamente Lucânia, no reino de Nápoles, a quem no Batismo puseram por nome Lanceloto. Seus pais, João Avelino e Margarida Appella, mais distinguidos por sua notória piedade que por sua qualificada nobreza, ofereceram o menino logo que nasceu à santíssima Virgem e aplicaram-se com o maior esmero a dar-lhe uma educação cristã; mas seu belo natural e propensão ao bom facilitaram mais que tudo o efeito de seus desejos. A muito breve tempo deram a conhecer as santas inclinações de André que lhe coube a sorte de uma alma boa e que o Senhor o havia prevenido com suas mais doces bênçãos. Persignou-o a ama que o criou com o sinal da cruz logo que começou a dar-lhe o peito, e bastou esta primeira lição para que o menino o executasse por si sempre que tinha livres das faixas seus tenrinhos braços. A este indício nada equívoco do amor que no sucessivo teria à cruz de Jesus Cristo seguiram-se outros não menos dignos de admiração, como foram reduzir todas as suas diversões na puerícia a formar altares, e prostrado diante deles meditava as grandezas de Deus, rezando orações devotíssimas, observando além disso o santo costume de congregar as crianças para explicar-lhes a doutrina cristã e dar-lhes saudáveis conselhos; o que fazia com tanta graça, com um modo tão cheio de gravidade e de decoro, com tal espírito e compostura que quantos viram estes fatos não duvidaram de graduá-los por antecipados prognósticos do magistério que André praticaria com o tempo.

Logo que teve a idade competente, seus pais o aplicaram ao estudo da latinidade, primeiro em sua pátria e depois em Sena, povo não muito distante daquela; e, observando seus mestres uma grande conduta no jovem, uma docilidade suma, um profundo rendimento e uma aplicação extraordinária, acrescentando a isto uma devoção singularíssima, conciliou em breve tempo o amor daqueles e a veneração de seus condiscípulos. Com efeito, André arrumou seus costumes com o espírito da lei santa de Deus, com as leis do trato civil e a modéstia cristã, declarou-se inimigo de tudo o que é vício; e esmerando-se sobretudo na devoção da santíssima Virgem, com este escudo, o de sua mortificação e fuga das ocasiões, conservou inviolável sua pureza, que sempre foi a virtude de seu carinho.

Concluída a gramática, voltou Avelino ao lugar de seu nascimento e, invejoso o inimigo comum dos progressos que cada dia fazia na virtude, quis manchar sua pureza valendo-se de uma mulher prostituta e até da mesma ama que o criou, apaixonadas ambas cegamente de sua beleza; mas tão fortes combates só serviram para maior realce de sua castidade. Frustradas estas tentativas, redobrando seus ardis o demônio, conspirou contra a vida daquele que lhe fazia tão insuportável guerra. Padeceu detrimento em sua honestidade certa donzela de Castronuovo e, induzindo a seus pais o mesmo inimigo que André era o autor daquele desastre, resolveram vingar a injúria dando-lhe a morte; mas, voltando o céu por sua inocência, justificou-se sua conduta com o descobrimento do verdadeiro delinquente. Para obviar quaisquer resultas, sua mãe o enviou a Nápoles a seguir a carreira dos estudos; mas apenas pôs os pés na pousada quando foi insultado por uma mulher lasciva com tão forte violência que, para livrar-se de tão veemente tentação, tomou o recurso do antigo José no Egito com a mulher de Putifar, perdendo toda a sua roupa. E, vendo-se combatido contra uma virtude que era o objeto de seus mais fortes empenhos, fez diante de Deus voto de perpétua castidade, prometendo conservá-la inviolável todo o discurso de sua vida, como o cumpriu, sustentado da divina Graça.

Os conhecimentos que adquiriu André nos primeiros estudos puderam ser profundos; mas só serviram para excitar num jovem chamado para coisas grandes o desejo de aumentá-los em outras ciências maiores, onde se consuma o engenho e se fecunda o entendimento com ideias mais sublimes. Com esta mira aplicou-se a estudar filosofia, teologia e direito canônico e civil; e, como se achava dotado de uns talentos extraordinários, acompanhados estes de uma aplicação contínua, fez em muito breve tempo admiráveis progressos nas ciências e recebeu com universal aplauso o grau de doutor em ambos os direitos. Mas o mais prodigioso foi que nem a multidão nem a diversidade de estudos puderam jamais resfriar o fervor nem diminuir a devoção de Avelino. É certo que se via tão assistente aos templos como às escolas, aqui fazendo honra à doutrina de seus mestres, e ali emulando os Anjos no amor e respeito à Majestade divina.

Como aos conhecimentos da verdadeira sabedoria são consequentes os desejos do estado mais perfeito, supostos aqueles em nosso Santo, resolveu abraçar o sacerdócio, para o qual se dispôs com as preparações fáceis de crer num espírito todo abrasado nas chamas do amor divino. Apenas se viu revestido com o sagrado caráter, crendo-se chamado para a salvação das almas, começou a dar-lhes a gostar as verdades eternas, de que Deus lhe havia dado tão altos conhecimentos. Já ministro do altar, só buscava meios de santificar-se cada dia mais e mais: achou estes auxílios na direção do Padre D. Pedro Foscarini, doutor parisiense, que, tendo renunciado as maiores dignidades que o século ofereceu a seu distinguido nascimento, a sua grande sabedoria e a sua eminente virtude, retirou-se à religião dos Teatinos e se achava então prepósito da casa de São Paulo de Nápoles; e acabou de aperfeiçoar-se com o trato do V. P. João Marinônio, que foi companheiro de São Caetano na fundação de Nápoles.

Seguia Avelino a advocacia na cúria eclesiástica, conforme ao espírito dos sagrados cânones. Achava-se muito empenhado na defesa de um sacerdote íntimo amigo seu: disse uma mentira artificiosa no discurso, não advertida então com o fogo e veemência que se produziu; mas, lendo depois na santa Escritura que a boca que mente dá morte à alma, foi tão grande a dor que concebeu por aquele defeito que, não satisfeito com o propósito de separar-se inteiramente da advocacia, desde o momento em que confessou sua culpa desfeito em lágrimas, fez a seu corpo

vítima das mais assombrosas penitências, tendo em sua casa cinco ou seis horas de oração diariamente; e, aceso em vivíssimos desejos de aspirar ao cume da perfeição, fez em mãos de seu diretor Marinônio dois votos tão árduos e tão singulares que sem especial graça do Espírito Santo seria impossível cumpri-los. Um, de negar-se sempre em tudo a sua própria vontade. E o outro, o de adquirir um grau de perfeição todos os dias. Os quais cumpriu exatamente.

Regia por aquele tempo a igreja de Nápoles Mons. Cipião Rebiba, vigário geral do arcebispo D. João Pedro Caraffa, cardeal teatino, depois sumo pontífice com o nome de Paulo IV. Sentia o relaxamento que o espírito da discórdia havia introduzido no mosteiro de São Miguel de Nápoles, de religiosas beneditinas; e, desejando achar um sujeito capaz para a reforma daquela ilustre comunidade, de acordo com o P. Marinônio, lançou mão de Avelino, confiado em que seu zelo, sua virtude e sua grande sabedoria poderiam conseguir o desejado efeito. O Santo aceitou por obediência aquela árdua empresa e, conhecendo que para as desta classe não são suficientes as forças da natureza, apelou para as da Graça por meio de orações fervorosas e de rigorosas penitências. Valeu-se de todos os arbítrios que lhe ditou sua prudência e dos que pedia a virtude neste caso; e, ainda que teve o consolo de lograr o fim no comum daquelas religiosas, não o pôde conseguir em todas, especialmente numa jovem cegamente apaixonada de um cavalheiro insolente que, ressentido das já amorosas, já fortes e nervosas exortações do Santo, valeu-se de um assassino para que lhe desse a morte. Deu-lhe este com efeito duas feridas, das quais uma se presumiu mortal; mas o Senhor o conservou, porque o guardava para maiores empresas. Soube o vice-rei a atrocidade do atentado; fez as mais vivas diligências para saber o delinquente; mas Avelino usou de mais meios para ocultá-lo que a justiça em descobri-lo. Bem que, se se livrou do poder desta pela caridade do Santo, não da justiça divina, que vingou a injúria feita a seu servo com as desgraçadas mortes do assassino e do jovem autor do sacrilégio. Quis o vigário geral de Nápoles, logo que ascendeu a ser geral de Pisa, premiar o mérito de André promovendo-o a um bispado; mas o Santo recusou com apostólico desinteresse a dignidade e distribuiu o preço das vestiduras que lhe enviou entre os pobres e ornamentos da Igreja.

Livre já Avelino das passadas fadigas, resolveu dedicar-se ao serviço do Senhor no estado religioso. Acabava de fundar na Igreja sua célebre religião São Caetano com o objeto de renovar a ideia da vida apostólica que observaram os primitivos fiéis, sendo um modelo da pobreza evangélica e do fervor com que se interessavam os eclesiásticos dos primeiros séculos em conservar a pureza da fé, em manter o culto divino em todo o seu decoro e em reformar os costumes do povo cristão. Agradou muito a André aquele admirável Instituto; manifestou sua determinação aos religiosos da casa de São Paulo de Nápoles e, como sua eminente virtude era tão pública, receberam-no cheios de gozo na vigília da Assunção da santíssima Virgem do ano 1556, aos trinta e seis de sua idade e trinta e dois do estabelecimento da religião dos Teatinos.

Não é fácil explicar o fervor com que entrou nosso Santo na religião. Nenhum noviço lhe fez vantagens em correr pelo caminho da perfeição, nem nenhum o excedeu nos esmeros nem na exatidão da observância regular. Logo que fez sua profissão, na qual se mudou o nome de Lanceloto no de André pela grande devoção que professava ao apóstolo Santo André, com quem era unânime no amor à santa cruz, quis visitar pessoalmente os santos lugares que se veneram em Roma. E, tendo partido a esta expedição, sem que o estimulasse a natural curiosidade de ver e celebrar as grandezas da capital do mundo, ocupou-se unicamente em visitar com ternas lágrimas

os sepulcros dos ilustres Mártires que regaram com seu sangue aquele ditoso terreno e, invejando seus triunfos, acendeu-se em vivíssimos desejos de padecer martírio. Depois destes exercícios e de ter consultado os primeiros sujeitos da Ordem, que puderam imprimir em sua alma as ideias mais sublimes sobre perfeição, voltou a Nápoles. Persuadida a Religião de que o espírito de André era muito a propósito para a direção de outros, destinou-o ao emprego de mestre de noviços e, convencido de que o exemplo era a lição mais eficaz, dedicou-se com um novo fervor à prática da oração, das humilhações e assombrosas penitências, a fim de alentar os jovens a que aspirassem ao cume da perfeição a que eram chamados. Pregava-lhes de contínuo o mesmo sermão que a seus discípulos o evangelista São João, a saber: *Irmãos, não amemos só com as palavras e a língua, mas com as obras em verdade*; acrescentando-lhes a isto que sem a oração e a mortificação não era possível que alguém fosse perfeito religioso. Sob cujas sólidas máximas e outros não menos importantes documentos saíram de sua escola muitos alunos capazes de recomendar o Instituto nos princípios de seu estabelecimento.

Fizeram-no prepósito da casa de São Paulo de Nápoles, e a muito breve tempo se conheceu quanto pode um prelado santo à frente de uma comunidade. A extremada caridade com que tratava seus súditos, a prontidão com que atendia a socorrer todas as suas necessidades, sua afabilidade e urbana cortesia, acompanhadas sempre de certo ar de santidade que se deixava ver em todas as suas ações, o fizeram dono dos corações de todos os religiosos; e, valendo-se André deste afeto reverencial, alentava-os com seu exemplo a observar o espírito do apostólico Instituto. Mas, sentindo na alma o pouco zelo de alguns tíbios no culto divino, que era o forte de todas as suas atenções, costumava dizer com frequência: «Antigamente os sacerdotes eram de ouro e os cálices de lenho; mas ao presente são estes de ouro e aqueles de lenho.»

As ocupações de seu emprego não impediam ao santo Prelado que deixasse de praticar com toda classe de necessitados os ofícios de sua ardente caridade. A todos alcançava: aos pobres, aos enfermos, aos encarcerados, aos defuntos e até aos inimigos. Tudo era para todos, e não havia necessidade que não olhasse com direito a socorrê-la. Não praticou estes ofícios só dentro da cidade de Nápoles, mas nos povos contíguos, sem detê-lo os trabalhos, as incomodidades, os perigos nem ainda as exposições de sua vida; não sendo fácil compreender como podia atender um homem só a tão penosas fadigas, as quais praticou com mais liberdade logo que se descarregou do emprego de superior e se dedicou inteiramente a ganhar almas para Deus por meio da pregação e do ministério do confessionário, onde ouvia com uma admirável paciência e com uma muito particular discrição a toda classe de penitentes, sem acepção de pessoas, logrando, em virtude de seu infatigável zelo, muitas verdadeiras conversões de pecadores irresistíveis à eficácia de sua voz.

Todas estas ocupações e outros inumeráveis exercícios de devoção e piedade não lhe roubaram tanto o tempo que não lhe dessem lugar para responder a muitas consultas e para compor utilíssimos escritos, que nos dão bastante ideia de sua grande sabedoria. Na biblioteca de São Paulo de Nápoles se conservam vários tratados teológicos, expositivos, ascéticos e predicáveis, e mais de três mil cartas instrutivas, das quais asseguram diferentes escritores que uma delas costumava fazer mais fruto que muitos sermões de outros oradores eloquentes. Não é de estranhar, pois sempre consultava com Deus o que escrevia, praticando por si o que persuadia a outros.

Fundou no ano 1570 São Carlos Borromeu em Milão uma casa para os religiosos Teatinos, e passou a ela na classe de vigário. Anelava por sua chegada São Carlos, que, pelo grande conceito que tinha formado de sua eminente virtude, saiu a recebê-lo fora das portas da cidade. Os progressos que Avelino fez todo o tempo que se manteve em Milão em favor dos próximos não podem explicar-se facilmente; basta dizer que na fome e peste geral que ocorreram naquela cidade em dois anos contínuos se deixou ver na primeira mártir da abstinência, porque outros vivessem de seu sustento; e na segunda ofereceu repetidas vezes sua vida em sacrifício pelos apestados, a quem assistia com fervorosa caridade, ministrando-lhes todos os auxílios espirituais e corporais que necessitavam em tão lamentável constituição.

Desejou o cardeal Paulo Aresio, bispo de Piacenza, conoviço que havia sido com André, estabelecer os religiosos Teatinos naquela cidade, para o que ofereceu à religião a igreja de São Vicente mártir. Enviaram Avelino por superior daquela nova casa; e, não se reduzindo seus desvelos só às fadigas da nova ereção, estenderam-se a beneficiar todo o povo, cujos costumes mudaram de semblante por sua atividade. Também empreendeu sua caridade a fundação de uma casa de recolhimento de mulheres perdidas, nas quais se viram em muito breve tempo admiráveis frutos de arrependimento, devidos ao infatigável zelo do santo Fundador, que se interessou assim mesmo na reforma do clero, que padecia um sensível relaxamento. E puderam tanto suas exortações, sua doutrina e seu exemplo que lograram o fim desejado, sobre o que se elogiou seu mérito no processo que se fez para sua canonização.

Invejoso o inimigo comum dos progressos de André, não satisfeito seu diabólico furor com os maus-tratos e com cruéis golpes que lhe fez padecer, procurou desacreditá-lo para com o duque de Parma e Piacenza, valendo-se para isso de certos ministros perversos, os quais informaram àquele que era Avelino um hipócrita sob a máscara de uma aparente modéstia; acrescentando-lhe que, ainda que em seu vestido exterior parecia pobre, no interior excedia os limites religiosos. Estas calúnias fizeram no Duque alguma leve impressão; mas, receando que pudesse ser efeito da inveja, inspecionando por si todo o contrário da sinistra delação, sobre pedir-lhe perdão de sua leve credulidade, cresceu desde então mais sua estima, e sujeitou-se a sua direção.

Concluída a prelazia de Piacenza, nomeou-se-lhe visitador da província da Lombardia, e em muito breve tempo experimentaram aquelas casas os efeitos do visitador, tão santo como zeloso e sábio. Não ficaram estes reduzidos dentro dos limites do claustro, pois, não tendo a ardente caridade do servo de Deus domicílio fixo nem estado determinado, todos os povos participaram de sua beneficência. No tempo desta comissão quis Deus prová-lo, para acrisolar mais sua virtude, com grandes desconsolos, imaginações fatais e mortais angústias; parecendo-lhe que todos os seus trabalhos e fadigas eram desagradáveis aos olhos do Senhor e que de nada lhe servia esmerar-se na salvação de outros, não o fazendo pela sua, a qual se lhe representava duvidosa. Mas quanto mais cresciam suas penas e suas congojas, era mais pontual e mais exato em todos os exercícios espirituais. Sucedeu a calma à tempestade e a formosa luz às tristes trevas e, dispensando-lhe Deus seus celestiais consolos, fazendo-lhe estes esquecer todos os tormentos passados, dali em diante todos foram excessos de amor divino, nos quais se abrasava continuamente de um modo muito sensível.

Apenas acabou sua visita, fizeram-no prepósito da casa de Milão; e, como naquela cidade era tão conhecida sua eminente santidade, foi inexplicável o gozo que os cidadãos tiveram nesta eleição. Sobre todos foi maior o de São Carlos Borromeu, prometendo-se conhecidas vantagens em seus súditos, tendo a seu lado este zeloso operário do Pai de família. Não saíram frustradas suas esperanças, pois, esmerando-se André em satisfazer a confiança daquele eminentíssimo Prelado, interessou toda a sua reputação no desterro dos abusos do povo e na reforma do clero. E, continuando sem intermissão nem descanso em solicitar o bem das almas, sem faltar um ponto à observância regular, teve a ventura de ver Jesus Cristo rodeado de um brilhante resplendor, alentando-o a que prosseguisse em suas agradáveis empresas.

Concluído o triênio daquela prelazia, voltou segunda vez, com o mesmo cargo, a Piacenza e daqui a Nápoles com igual emprego. Depois nomearam-no visitador das províncias romana e napolitana e, observando a mesma conduta que nas prelazias e visita anteriores, conservou a disciplina regular no fervor primitivo, promoveu o culto divino e fomentou as virtudes de seus súditos animados com seu exemplo. E, como se não tivesse nascido mais que para prelado este homem verdadeiramente digno dos mais altos elogios, que só desejava santificar-se nas humilhações de súdito, soube conciliar as obrigações de superior com os desprezíveis sentimentos que tinha formado de si para maior justificação. Mas o mais admirável foi que nem as honras, nem os empregos, nem a multidão de ocupações puderam alterar seu recolhimento interior nem retraí-lo de seus santos exercícios.

Seria necessário um extenso volume para referir individualmente a prática de suas heroicas virtudes, tanto teologais como cardeais e morais, acompanhadas sempre de assombrosas mortificações. Seu jejum pôde dizer-se quase contínuo, e sua abstinência admirável. O regular de sua comida eram ervas vis e desprezíveis sem mais condimento que água só. Seu descanso era o de quatro horas que permitia ao sono, o qual tomava de ordinário vestido, e muitas vezes sobre o desnudo chão ou sobre um enxergão de palha, que era sua cama, convertido em tábua por sua dureza. Todos os dias afligia seu corpo com sangrentas disciplinas; e, além do cerco de ferro com que estava cingido, domava sua carne com uma cadeia e outros ásperos cilícios com que lograva tê-la sempre sujeita à servidão da razão. Na bula de sua canonização diz-se em elogio de seu rigor que com a espada da mortificação se fez uma vítima sagrada da penitência, oferecendo-se a si mesmo em sacrifício ao Senhor. E, falando o mesmo breve apostólico do eminente grau a que chegou sua oração, expressa que pôde dizer-se que orava de contínuo sem intermissão, pois seu espírito estava sempre transportado em Deus, logrando o benefício, quando estava neste santo exercício, de que nenhuma coisa criada o pudesse distrair das doces contemplações de seu Deus.

O obrador de todas estas maravilhosas ações era o grande amor que professava a Jesus Cristo, não sendo fácil que algum outro o excedesse no amor do Salvador do mundo. Se este era grande, não foi menor o que teve a sua santíssima Mãe, podendo dizer-se com segurança que não houve bem-aventurado que professasse à Rainha dos Anjos mais cordial, mais terna nem mais afetuosa devoção, nem que mais se interessasse em propagar suas glórias, acreditando-o assim desde que nasceu até que expirou.

Quis Deus acrisolá-lo por meio de graves enfermidades complicadas com agudíssimas dores, mas em todas deu admiráveis exemplos de paciência e de resignação com a divina vontade. Numa que

padeceu quatro anos antes de sua morte, renovaram-se-lhe os antigos temores sobre sua salvação e, afogado em mortais congojas, apareceram-lhe Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, seus especiais advogados, a quem perguntou: «Santos meus, que novas me trazeis de minha salvação? Haverá no paraíso algum lugar para este grande pecador?» E, respondendo-lhe os Santos de modo que ficasse consolado, tranquilizou-se.

Finalmente, sabedor da hora de sua morte, a qual havia predito a várias pessoas em uso do dom de profecia com que o Senhor quis recomendar sua santidade, chegou a segunda-feira dia 10 de novembro de 1608, em que cumpria o Santo quase os oitenta anos de sua idade; e, apesar da debilidade em que se achava, saiu de seu aposento para celebrar o santo sacrifício da missa, a fim de dispor-se com o reforço do soberano alimento para o trânsito que esperava no mesmo dia. Em vão procuraram dissuadi-lo daquele empenho quantos viram sua impossibilidade, pois quanto mais se aproximava do fim, tanto mais desejava unir-se com o princípio. Chegou com muito trabalho ao altar de São José e, ao começar o intróito, foi assaltado de um acidente apoplético, que o fez cair nos braços do que o ajudava à missa. Levaram-no a seu aposento e, dando lugar o acidente a que se lhe administrassem os últimos Sacramentos, tendo-os recebido com aquele fervor próprio de seu espírito, todo abrasado no amor de Deus, ficando-se numa doce contemplação, viu-se de repente seu rosto inflamado e negro, turbada a vista e sem concerto seus movimentos. Turbaram-se todos os assistentes, lembrando-se de que o Santo havia profetizado muitas vezes que na hora da morte teria um horroroso combate com o demônio. Também observaram que naquela angústia punha por instantes os olhos numa devota imagem da santíssima Virgem, da qual tinha dito em vida que o favoreceria num fero ataque que teria na morte com o inimigo infernal. Creram os religiosos ser aquele o caso de suas predições, e com efeito declarou depois o V. P. D. Jaime Torno, varão esclarecido em santidade, que se achou presente, que viu o demônio em forma de um etíope formidável sobre André, apertando-lhe a garganta em termos que o punha a expirar; mas que, pondo uma corda àquele monstro um Anjo do Senhor, castigou sua insolência e o fez fugir com confusão. Depois do que, voltando o rosto do Santo à sua antiga formosura, olhando com risonhos olhos para a santíssima Virgem, entregou tranquilamente seu espírito nas mãos do Criador no dia 10 de novembro de 1608. Depois que tiveram os religiosos o venerável cadáver três dias no féretro para satisfazer a devoção dos inumeráveis concursos que vinham a venerá-lo, deram-lhe sepultura na abóbada da mesma casa de Nápoles, situada atrás do altar-mor. Mas, aumentando-se cada dia a fama de sua santidade, foi trasladado à capela de São José.

A multidão dos milagres que se dignou o Senhor obrar pela intercessão de seu servo moveu a religião, vários povos, príncipes e soberanos, entre eles Filipe III e Luís XIII, reis da Espanha e da França, a que suplicassem à Santa Sé por sua beatificação. E, resultando plenamente justificadas suas heroicas virtudes e milagres autênticos nos processos apostólicos que se formaram nos pontificados de Paulo V, Gregório XV e Urbano VIII, declarou-o este Beato no dia 31 de agosto de 1624. E depois o canonizou a santidade de Clemente XI em 22 de maio de 1712, na presença de trinta e dois cardeais, cinquenta e sete patriarcas, arcebispos e bispos, juntamente com São Pio V, São Félix de Cantalice e Santa Catarina de Bolonha.

Santa Teotista, Virgem e Solitária

Não há coisa mais admirável que a sabedoria de Deus: seus golpes desconcertam toda a prudência humana, e abre caminhos que esta não pode penetrar, tão distantes dos caminhos dos homens como o está o céu da terra. Sobre tudo resplandece a divina sabedoria no modo com que governa os Santos, como vamos ver na vida de Santa Teotista, para o que é mister tomar o fio um pouco mais acima. Foram alguns caçadores à ilha de Paros, que é muito abundante em cervos e outros animais silvestres: entraram numa igreja da santíssima Virgem meio arruinada, mas que ainda apresentava à vista alguns trechos em que se descobria não sei que ar de augusto e davam a entender a antiga magnificência da fábrica. Algumas relíquias felizmente escapadas ao furor dos que a haviam destruído elevavam um frontispício respeitável que fazia mais sensível a ruína do suntuoso edifício. Estando os caçadores olhando tudo com atenção, viram vir para eles um solitário, coberto com uma túnica de peles, o semblante pálido, os pés descalços; mas com um semblante que tinha certo não sei quê de angelical. Logo que se aproximou dos caçadores, saudou-os, e estes lhe corresponderam. Suplicaram-lhe que lhes dissesse seu nome, sua pátria, se estava só naquele deserto e, enfim, toda a história de sua vida. Respondeu-lhes o servo de Deus: «Não vos posso dar razão de minha pátria, de minha família nem das demais coisas de que se gloriam os homens do mundo: tudo o que há sobre a face da terra é nada para mim, e nenhuma das coisas que passam com o tempo me merece atenção. Deus é meu pai e meu senhor; por só seu amor vivo há mais de trinta anos neste deserto. Eu me chamo Simeão, e toda a minha grandeza consiste em que sou um pobre monge, ainda que por outra parte condecorado com a dignidade do sacerdócio e com a potestade de consagrar o corpo e sangue de meu Senhor Jesus Cristo.» Os que ouviram esta conversação, cheios de profundo respeito, lançaram-se a seus pés; mas ele os levantou, disse-lhes algumas coisas devotas e depois calou. Um dos circunstantes lhe rogou que lhes declarasse o que lhe passava entre Deus e ele; ao que respondeu: «Eu não sou digno de favores extraordinários; retirei-me a esta solidão para chorar meus pecados, e não para ter revelações celestiais.» Tendo dito isto, fez sentar o que refere esta história e os demais companheiros seus sobre a verde erva, junto a uma fonte de água doce que corre por aquele sítio de silêncio e de paz. Sentados todos naquele verde tapete, que o estendia a mesma natureza, nossos forasteiros fizeram várias perguntas ao solitário, que respondeu a todas com muito agrado e candor. Depois lhe rogou um dos caçadores que contasse alguma maravilha do Senhor, para que este fosse louvado e glorificado, e ele referiu a história seguinte:

«Uma partida de caçadores de Eubeia, que todos os anos vinham a esta ilha à caça de cervos, chegou a ela; e um deles, homem bom e que cuidava da salvação de sua alma, referiu-me uma maravilha digna da magnificência do Senhor, que obra quando é sua vontade prodígios superiores a tudo o que podemos conceber. Disse, pois, que, tendo entrado pelo anoitecer na igreja de Nossa Senhora para fazer oração, ao sair dela reparou um pouco de água num buraco e que nela se estavam pondo de molho umas lentilhas, cujo rústico alimento lhe fez crer que sem dúvida habitava algum solitário naquele deserto. Concluído o que tinha que fazer com seus companheiros, voltou em diligência movido do desejo de conhecer o anjo humano que habitava aquela retirada solidão e com efeito reconheceu uma sombra para o lado do altar; e, como se levantava para aproximar-se dela, ouviu uma voz que lhe disse: *Detém-te, homem, e não passes adiante: sou uma mulher, estou nua e não posso ser vista neste estado.* Ao ouvir isto, ocupou-o tal terror que se lhe eriçaram os cabelos e quase perdeu de todo o conhecimento; mas, voltando finalmente a si e recobrando o ânimo, perguntou à criatura que havia formado aquela voz quem era e como se achava naquele deserto; ao que lhe respondeu: *Arroja-me cá tua capa e, cobrindo-me, saberás o*

que Deus quer que saibas. Arrojou-lhe sua capa o caçador e saiu da igreja para dar-lhe mais lugar a recolhê-la e a cobrir-se. Voltou a entrar nela e viu uma pessoa que estava em pé, os cabelos todos brancos, a pele denegrida dos ardores do sol, cobrindo uns descarnados ossos; enfim, um animado esqueleto. Sobressaltado com a vista daquele objeto, muito mais que o havia atemorizado sua voz, estremecia de horror, arrependido já de sua curiosidade; mas, alentado algum tanto, rogou à que lhe parecia ser uma sombra que lhe lançasse sua bênção: ela então voltou o rosto para o Oriente e, para desenganá-lo de que a que lhe falava não era alguma fantasma mas uma pessoa humana, levantou as mãos ao céu e pronunciou algumas palavras que não entendeu o caçador e, voltando-se depois a ele, lhe disse: *Homem, Deus te faça misericórdia: quem te trouxe aqui? A que vieste a uma ilha inabitada? Mas, pois Deus te conduziu a ela, agora saberás o que desejas saber*, e deu princípio a sua relação desta maneira:

«*Eu sou originária de Lesbos, chamo-me Teotista, sou religiosa de profissão; perdi meus pais desde minha terna infância; puseram-me num mosteiro de monjas, onde tomei o hábito e, tendo saído dele aos dezoito anos de minha idade para ver uma irmã minha casada numa aldeia vizinha e passar com ela as Páscoas, os corsários árabes de Candia entraram uma noite na aldeia, saquearam-na, levaram cativos a todos os vizinhos, e a mim com eles. Retiraram-se depois os piratas à ilha de Paros para repartir o despojo, e eu logrei escapar-me, escondendo-me entre umas sarças e matagais que toda me cobriram de sangue, e passei a noite com dores; mas que consolo foi o meu pela manhã quando vi que os piratas haviam voltado a seu navio e eu havia escapado de suas mãos! Foi tanto o gozo que tive, e estava tão ocupado dele meu coração, que não sentia a dor de minhas feridas. Há mais de trinta e cinco anos que estou gozando as delícias da solidão, sustentando-me com as ervas que nascem no deserto, mas muito mais com a palavra de Deus.*» Logo que acabou de falar, levantou as mãos ao céu e deu graças ao Pai celestial que derrama seus favores sobre toda criatura e enche todo animal de bênçãos. Acrescentou depois: «*Já te fiz relação de minha vida; mas te peço uma graça em nome de Jesus Cristo, e é que, quando no ano que vem voltares a caçar a esta ilha, me tragas o precioso corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque desde que estou aqui não tenho merecido comer o pão celestial.*» Dito isto, e encarregando-lhe o segredo, despediu-o, enviando-o a seus companheiros; mas tão preocupado de tudo o que havia visto que não podia pensar em outra coisa que no rico tesouro que havia deixado naquela solidão. Voltou no ano seguinte e não deixou de levar o pão da vida de que estava tão faminta a solitária. Não bem a descobriu o caçador quando se prostrou em terra por respeito; mas ela, desfazendo-se em lágrimas, começou a gritar-lhe: «Que fazes, amigo caríssimo, que fazes? Lembra-te de que trazes contigo o divino dom»; e, aproximando-se dele, pegou-o pela capa e o levantou. Então tirou este a caixinha onde trazia o pão dos Anjos e, à vista daquele precioso vaso que encerrava os tesouros do céu, quem poderá explicar o profundo de sua veneração e de seu respeito? Aniquilava-se na presença do Deus do amor, sendo a abundância de suas lágrimas e a ternura de seus amorosos suspiros intérpretes fiéis dos afetos de seu coração: centelhava em seus olhos o fogo do amor divino, e toda a postura era de uma pessoa amorosamente enternecida ao considerar a amabilidade de Jesus Cristo. Mas a que altura subiram seus incêndios quando recebeu no Sacramento o mesmo amor! O excesso deste a fez prorromper na seguinte oração, cheia de viva confiança: «*Agora, Senhor, deixai já ir vossa serva em paz, pois que meus olhos viram meu Salvador. Já recebi o perdão de meus pecados e me vou aonde o ordena vosso poder.*» Dito isto, ficou arrebatada em Deus com um êxtase que durou largo tempo; e, voltada enfim a si, deu as

graças ao que lhe havia trazido o tesouro celestial, desejando-lhe mil bênçãos. Alguns dias depois, concluída a caça felizmente, voltou o caçador a despedir-se da solitária; mas a solitária descansava já no seio do Senhor. Muitas ações de sua vida ficaram escondidas a nossa notícia; e o venerável Simeão, que referiu esta história a nossos caçadores, lamentava-se de que Teotista, a solitária, não tivesse tido outro segundo Zózimo que deixasse à posteridade relação individual de muitas coisas tão dignas de não ser ignoradas dos homens. Admiremos aqui a providência de Deus que tira uma terna donzela de entre as mãos dos corsários árabes, a sustenta por largo tempo no deserto e, enfim, lhe proporciona o consolo de receber o alimento celestial e, recebido, a leva à imortal glória. Oh meu Deus, e quem se arrependeu jamais de haver-vos servido!

Missa (oração)

A missa é em honra de Santo André, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui in corde beati Andreæ, confessoris tui, per arduum quotidie in virtutibus proficiendi votum, admirabiles ad te ascensiones disposuisti: concede nobis ipsius meritis et intercessione, ita ejusdem gratiæ participes fieri, ut perfectiora semper exequentes, ad gloriæ tuæ fastigium feliciter perducamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que dispusestes no coração do bem-aventurado André, vosso confessor, admiráveis elevações para vós, pelo árduo voto que fez de aproveitar todos os dias nas virtudes, concedei-nos, por seus méritos e intercessão, ser de tal sorte participantes da mesma graça que, executando sempre o mais perfeito, cheguemos felizmente ao cume de vossa glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do Eclesiástico.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius

> enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

O que ama o mundo não ama a Deus. Esta é uma verdade de fé que condena a muitos e que poucos compreendem; mas nem por isso deixa de ser menos verdade. Não há coisa mais oposta à Religião que o espírito do mundo, nem mais contrária ao espírito do Evangelho; pois Jesus Cristo não teve maior inimigo que o espírito do mundo: quase se pode dizer que os mundanos pensam hoje em dia da Religião e da devoção, com curta diferença, como pensavam os gentios em outro tempo do cristianismo. Não é tão cruel sua perseguição, mas não é menos viva. Se não está morta, está muito apagada a fé no coração dos mundanos. Os ímpios discursos que se ouvem sobre os pontos capitais da Religião, o desprezo com que se tratam as decisões e os preceitos da Igreja, tudo isto não prova muita pureza nem muita firmeza na fé. Passam-se no jogo os dias e as noites; concorre-se com uma espécie de furor aos espetáculos profanos, e, se se veem algumas concorrências a tais ou quais funções sagradas, vão acompanhadas de mil irreverências e de mil profanidades. A oração, tão indispensável aos Cristãos, os jejuns e abstinências de preceito, as devoções tão importantes e a frequência de Sacramentos tão necessária, que lugar ocupam hoje no coração daquelas gentes que estão empapadas no espírito do mundo? Quase se olha com lástima os que se ocupam em devoções, faz-se um alto desprezo da maior parte dos atos da Religião e se os trata de devoções populares, de maneira que parece que é a irreligião o caráter dos mundanos. Não só se envergonham muitos do Evangelho, mas alguns, e não poucos, parecem como que se honrar com a dissolução, faltando pouco para que a modéstia e a virtude se qualifiquem por provas de vilania. No grande mundo não agrada a licença de máscara, pois se faz gala de ser indevoto e libertino; cujas reflexões são tanto mais dolorosas quanto mais demonstráveis pelo maior número dos fatos. Não haverá caridade tão cega ou tão excessiva que possa fazer outro juízo à vista do ar, dos discursos e da conduta escandalosa que se apalpa nos parciais das máximas do mundo, inimigos declarados da moral e da doutrina de Jesus Cristo. Mas afinal o mundo passa, essa fera mundanidade cai, as falsas brilhâncias apagam-se de repente: essas representações teatrais têm fim, e a comédia dura até o sepulcro. Então desperta a razão, voltam a acender-se as luzes da fé, restitui-se à Religião a posse de todos os seus direitos: tira o mundo a máscara e se faz justiça à virtude cristã; cada qual se faz justiça a si mesmo: condena seus erros, suas extravagâncias e seus descaminhos; mas *venit nox quando nemo potest operari.* (Jo 9.) Se já vai entrar a noite, será tempo de dar princípio ao trabalho?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

O espírito do mundo é sinal de reprovação

Primeiro ponto

Considera que nada há mais oposto ao espírito de Jesus Cristo que o espírito do mundo, pois se opõe a todas as leis e a todos os exemplos do Evangelho. Ele é o tirano dos servos de Deus, que estabeleceu seu trono em Babilônia. As leis do espírito do mundo são as paixões, ou ao menos só a elas se consulta para publicá-las. Nisto se fundam, falando com propriedade, as leis do mundo; isto as inspira, isto as dita e este é o grande motivo de sua pontual observância.

Pergunto: é a linguagem do mundo muito cristã? Ele é órgão de suas ideias e o intérprete de seus desejos. Ele é a arenga das paixões, e por isso não se entende a língua dos Santos; as vozes da virtude e da devoção parecem gregas aos mundanos; e à vista disto admiramo-nos de que o Salvador reprove um espírito contrário ao seu?

Quais são as máximas do mundo? Todas as que condena Jesus Cristo. Ditames orgulhosos, ambiciosos projetos, cobiça desmedida, amor-próprio sem limites, artifícios, enganos, invejas, inimizades, jogos, espetáculos, enredos, negociações e divertimentos não reconhecem outra regra que as máximas do mundo. Coteja-as com as do Evangelho e advertirás que não pode haver contrariedade mais sensível. E, se é sinal indispensável para salvar-se viver segundo as máximas de Jesus Cristo, que sinal mais certo de reprovação que seguir as máximas do mundo?

Segundo ponto

Considera que basta uma tintura superficial da Religião para reconhecer e para apalpar que o espírito do mundo é inseparável do espírito de reprovação. Que conceito faríamos da religião cristã se víssemos que igualmente se salvavam os que seguem as máximas de Jesus Cristo e os que seguem as máximas do mundo, diametralmente contrárias àquelas?

Ponhamos os olhos naqueles modelos de santidade cuja memória celebramos todos os dias; e, se nos deslumbra o resplendor de tão brilhantes modelos, fixemos a consideração nos bons cristãos que lograram sua salvação. Creremos acaso que se governaram pelas máximas do mundo? Acha-se uma só palavra no Evangelho que assegure a salvação dos que vivem segundo as máximas mundanas? Esta reflexão é concludente e tão palpável que não haverá homem de juízo que não a apoie. Mas, no meio disto, sendo tantos os que não conhecem outra regra que a do mundo para seus costumes, em que consistirá que se vejam tão poucas conversões?

Ditosas aquelas almas que abominam o espírito do mundo e vivem segundo as leis do Evangelho. Mas o espírito do mundo é tão sutil que penetra até o mesmo santuário. Certo espírito de ambição, de indiferença, de frieza, de regalo, de comodidade e de conveniência sabe insinuar-se até nos claustros mais estreitos; e por isso mesmo é preciso estar sempre de sobreaviso para não se deixar levar dessas lisonjeiras propensões da carne que alenta o espírito mundano.

Extingui, Senhor, em mim até a mais ligeira chispa deste pernicioso espírito. Infundi-me tão grande horror a ele que nada seja capaz de envergonhar-me de seguir o Evangelho. Vossas máximas, ó divino Salvador, serão daqui em diante a única regra de meus costumes e de minha conduta: perdoai-me meus passados desacertos.

Jaculatórias

Filhos dos homens, até quando há de durar essa insensibilidade de coração? Até quando haveis de amar a vaidade de que está cheio o mundo? (Sl 4.)

Apartai, Senhor, meus olhos das falsas brilhâncias do mundo, que só são engano e vaidade. (Sl 118.)

Propósitos

1. Para conhecer se estás possuído do espírito do mundo, examina se tuas obras se conformam com suas máximas e suas leis. Não há mundano que não grite contra a injustiça delas e que não se queixe da servidão e escravidão que impõem; mas ao mesmo tempo obedece-se e serve-se ao mundo. Faze-te cargo não só da injustiça mas da extravagância da conduta dos mundanos e resolve-te de hoje em diante a ser verdadeiramente cristão, deixando de ser mundano. Não faças agora o que infalivelmente hás de condenar na hora da morte.

2. Não basta que teus ditames e tuas máximas sejam cristãs; é mister ignorar até a linguagem dos mundanos. Guarda-te bem de aplaudir os abusos e as modas do mundo, nem jamais cites seus estilos em tom que autorize suas desordens. É a coisa mais extravagante que o espírito do mundo haja de servir de regra aos costumes dos Cristãos. Condena abertamente suas máximas e jamais dês quartel a seu espírito. E, se este espírito repugna a todo cristão, muito mais abominável será nas religiões. Escandaliza numa pessoa religiosa falar do bom gosto de um traje e do garbo de uma mulher mundana. Certamente nenhuma coisa desacredita mais uma comunidade que tratar-se nela o que cheire a mundo e a suas vaidades.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:34 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:34 by Admin